

O CÂNONE E A LITERATURA MARGINAL DE CAROLINA MARIA DE JESUS: UMA ANÁLISE DE QUARTO DE DESPEJO

THE CANON AND THE MARGINAL LITERATURE OF CAROLINA MARIA DE JESUS: AN ANALYSE OF QUARTO DE DESPEJO

Rebeca Mendes Garcia 1
Larissa Cardoso Beltrão 2

Resumo: Este trabalho objetiva realizar uma análise literária da obra *Quarto de despejo: o diário de uma favelada* (1960), de Carolina Maria de Jesus, sob o viés da relação literatura e sociedade. Destaca-se na obra a perspectiva da marginalização da figura feminina negra na literatura brasileira. Para tanto, trataremos da dialética do cânone literário, traçando um paralelo entre as obras selecionadas pela academia para apreciação do público leitor e a chamada literatura marginal, com base em Compagnon (2003), Heloísa Holanda (2004) e Even-Zohar (2007). Por meio de uma pesquisa bibliográfica, faremos a inserção da análise do corpus deste trabalho a partir do livro autobiográfico de sua escritora, uma mulher negra, favelada, catadora de lixo e mãe solteira. Em *Quarto de despejo*, a literatura cumpre o papel de denúncia, quando a voz de Carolina Maria de Jesus ecoa através da escrita e mantém resistência às opressões.

Palavras-chave: Literatura marginal. Cânone literário. Carolina Maria de Jesus.

Abstract: This work aims to make a literary analysis of the book *Quarto de despejo: o diário de uma favelada* (1960), by Carolina Maria de Jesus, under the bias of the relationship between literature and society. It highlights in the book the perspective of marginalization of the black female figure in the Brazilian literature. Therefore, we will deal with the dialectic of the literary canon, tracing a parallel among the books selected by the academy to appreciation of the reading public and the so-called marginal literature, based in Compagnon (2003), Heloísa Holanda (2004) and Even-Zohar (2007). By means a bibliographical research, we will insert the analysis of the corpus of this work from the autobiographical book of its writer, a black woman, a slum-dweller, garbage collector and single mother. In *Quarto de despejo*, the literature fulfills the role of denunciation, when the voice of Carolina Maria de Jesus echoes through writing and maintains resistance to oppression.

Keywords: Marginal literatura. Literary Canon. Carolina Maria de Jesus.

Concluiu graduação em Letras na Universidade Estadual de Goiás, 1
pós-graduação em Literatura Brasileira e atuou como professora de línguas
na Educação Básica e em Centros de Línguas. Atualmente, exerce o cargo
de Técnica em Assuntos Educacionais na Universidade Federal do Tocantins.
Participa, também, do projeto intitulado; O autor in: Tópicos de Teoria e
Crítica Literárias na Literatura Tocantinense, do Campus Porto Nacional da
Universidade Federal do Tocantins. E-mail: rebecamgarcia@hotmail.com

Possui graduação em Letras pela Universidade Estadual de Goiás - 2
UnU de Campos Belos (2007). É especialista em Língua Portuguesa e Literatura
Brasileira pela FINOM - Faculdade do Noroeste de Minas (2010) tendo
estudado, durante a especialização, um módulo sobre metodologia do Ensino
Superior e mestra em Estudos Literários pela Universidade Federal de Goiás
(UFG). Professora substituta na Universidade Estadual de Goiás (UEG), câmpus
Campos Belos, atuando na graduação e na pós-graduação. É professora efetiva
da educação básica no estado do Tocantins.
E-mail: laricinhabeltrao@hotmail.com

A dialética do cânone literário: um passeio pelas obras que ninguém vê

“A vida é igual um livro. Só depois de ter lido é que sabemos o que encerra. E nós quando estamos no fim da vida é que sabemos como a nossa vida decorreu. A minha, até aqui, tem sido preta. Preta é a minha pele. Preto é o lugar onde eu moro.”

Carolina Maria de Jesus

Antes de propormos um passeio pelas obras que passam despercebidas pelos olhos da crítica especializada e, por conseguinte, do chamado leitor comum, é interessante que tratemos da dialética sugerida pelo cânone literário.

Nessa perspectiva, iniciaremos este tópico definindo, sob o olhar de Antoine Compagnon (2003) o que é o cânone literário e, ao menos em tese, quem seleciona as obras que são lidas e/ou adotadas nas escolas do país e que refletem diretamente na formação do público (não) leitor.

Depois de passarmos, ainda que rapidamente pelo centro, trataremos da margem: O que é literatura marginal? Qual é o seu lugar na literatura brasileira? Após abordarmos as duas vertentes, colocaremos em cena a literatura de Carolina Maria de Jesus. Negra, favelada, mãe solteira e catadora de lixo, a escritora que nasceu em Minas Gerais e vivenciou o fenômeno do êxodo rural. Embora seja contemporânea aos escritores da 3ª geração do Modernismo, não é vista popularidade de sua obra no país.

Depois de reconhecida, lida e estudada em países como Estados Unidos e França, o valor literário de suas obras, nos últimos anos, tem sido debatido nas universidades brasileiras. A voz da moradora do Canindé tem ecoado, sobretudo, através das pesquisas realizadas por Conceição Evaristo, umas das grandes estudiosas da literatura de Carolina Maria de Jesus.

O que é o cânone literário?

“Será que preconceito existe até na literatura? O negro não tem direito de pronunciar o clássico?”

Carolina Maria de Jesus

Cânone é um termo oriundo da palavra Grega “*Kanón*”, que é normalmente referida a uma vara usada para fazer relação com a quantidade de medidas. Cânone na língua portuguesa recebeu o significado de **norma, regra ou preceito**.¹ **No que diz respeito à literatura, pode ser definido como um determinado grupo de livros que é referência. Na Literatura Brasileira, por exemplo, há algumas obras que precisam ser lidas durante a trajetória escolar dos alunos que passam pela educação básica.**

Segundo Antoine Compagnon (2003), na cena contemporânea, o leitor espera que os profissionais de literatura julguem os livros separando-os em grupos: os bons e os ruins. Desse modo, ao separarem o joio do trigo, acabam por fixar o cânone literário:

A função do crítico literário é, conforme a etimologia, declarar: “Acho que este livro é bom ou mau”. Mas os leitores, por exemplo, os de crônica literária da imprensa cotidiana ou semanal, mesmo que não detestem o acerto de contas, se cansam dos julgamentos de valor que mais parecem caprichos e, gostariam que, além disso, os críticos justificassem suas preferências, afirmando, por exemplo: “Estas são as minhas razões e são boas razões”. A crítica deveria ser uma avaliação

1 Definição de Cânone disponível em: <https://www.significadosbr.com.br/canone>. Acesso em 28 out. 2018.

argumentada. Mas as avaliações literárias, tanto a dos especialistas quanto a dos amadores, têm, ou poderiam ter, um fundamento objetivo? Ou mesmo sensato? Ou elas nunca são senão julgamentos subjetivos e arbitrários, do tipo “eu gosto, eu não gosto?”, aliás, admitir que a apreciação crítica é inexoravelmente subjetiva nos condena fatalmente a um ceticismo total e a um solipsismo trágico? (COMPAGNON, 2003, p. 224)

As diversas indagações presentes no excerto supracitado, além da colocarem em cena as discussões acerca dos critérios, colocam-nos diante do caráter excludente da constituição do cânone e, por conseguinte, seus reflexos na formação do leitor literário. Quando tomado como verdade absoluta, o cânone literário segrega. Como salienta Theodor Adorno (1998), é preciso que se critique a crítica:

A cultura só é verdadeira quando implicitamente crítica, e o espírito que se esquece disso vingá-se de si mesmo nos críticos que ele próprio cria. A crítica é um elemento inalienável da cultura, repleta de contradições e, apesar de toda a sua inverdade, ainda é tão verdadeira quanto não-verdadeira é a cultura. A crítica não é justa quando destrói – esta ainda seria uma melhor qualidade -, mas quando, ao desobedecer, obedece. (ADORNO, 1998, p. 11)

Na concepção de Adorno, conforme vimos no trecho acima, o ideal seria que o leitor tivesse condições de, a partir de seu diálogo com tradição e cultura, selecionar as obras que julga interessante ler. Ou seja, considerando as dicotomias e contradições sociais assumidas pela crítica literária, conferir ao leitor a autonomia de criar o seu próprio cânone, possivelmente fosse a melhor maneira de se construir uma visão crítico reflexiva. Assunto sobre o qual discutiremos no tópico seguinte.

Quem seleciona as obras que devemos ler?

Antes de falarmos sobre a seleção das obras que são lidas, é preciso destacar que, no Brasil, a responsabilidade pela formação do leitor literário é legada à escola, embora acreditemos que, ao menos em tese, esta tarefa deveria ser atribuída à família.

Nesse contexto, outra questão importante, levantada por Umberto Eco (2003), é do caráter misto da literatura, uma vez que se configura tanto como um bem material, quanto como um bem simbólico, de natureza imaterial. Para tanto, ele afirma que:

nem eu seria idealista a ponto de pensar que às imensas multidões, às quais faltam pães e remédios, a literatura poderia trazer alívio. Mas uma observação eu gostaria de fazer: aqueles desgraçados que, reunidos em bandos sem objetivos, matam jogando pedras dos viadutos ou ateando fogo a uma menina, sejam eles quem forem afinal, não se transformaram no que são porque foram corrompidos pelo *newspeak* do computador, *mas porque foram excluídos do universo do livro e dos lugares onde, através da educação e da discussão, poderia chegar até eles os ecos de um mundo de valores que chega de e remete a livros.* (ECO, 2003, p. 12, grifos nossos)

Embora a Literatura não sacie a fome de pão, o universo do livro, impresso ou não, lega ao ser humano um mundo de valores, abre uma série de possibilidades. Considerando, portanto, esta realidade, acreditamos, pois, que a literatura transforma o indivíduo proporcionando reflexões que o direcionam a procurar novos rumos para sua vida em sociedade. A “ignorância” pelo desconhecimento literário remete o ser humano a desvalorizar e desacreditar em sua própria

potencialidade.

Ora, pois, ao refletirmos sobre a problemática levantada por Umberto Eco (2003), se reconhecemos que o universo do livro, por si só, é capaz de incluir os desgraçados, é preciso que pensemos na maneira como esta inclusão está acontecendo. Quem seleciona e a partir de quais critérios escolhe as obras que serão lidas por essas multidões que escorrem em bandos?

De acordo com Márcia Abreu, problematizar sobre que é Literatura e o que é Literatura de qualidade passa principalmente por fatores extra literários, algo que nos remete às questões levantadas por Adorno (1998), a separação do joio do trigo:

Por trás da definição de literatura está um ato de seleção e exclusão, cujo objetivo é separar alguns textos, escritos por alguns autores do conjunto dos textos em circulação. Os critérios de seleção segundo boa parte dos críticos é a literariedade imanente aos textos, ou seja, afirma-se que os elementos que fazem de um texto qualquer uma obra literária são internos a ele e dele inseparáveis, não tendo qualquer relação com questões externas à obra escrita, tais como o prestígio do autor ou da editora que o publicou, por exemplo. Entretanto, na maior parte das vezes, não são critérios linguísticos, textuais ou estéticos que norteiam essa seleção de escritos e autores. [...] Entra em cena a difícil questão do valor, que tem pouco a ver com os textos e muito a ver com posições políticas e sociais. (ABREU, 2006, p. 39)

Ora, pois, ao considerar o caráter excludente tanto do leitor comum, desses que pertencem ao grupo destacado por um Umberto Eco (2003), não podemos deixar de mencionar que as obras que estão no cânone literário, nem sempre, ou não mais, representam a cultura de massa.

Ao tratar da legitimação da literatura canônica, Leyla Perrone – Moisés (1988) destaca o poder que essa relação sugere. De acordo com ela, a escolha de determinados grupos de obras reflete o prestígio social de específicos grupos culturais. Cabe ressaltar nesse contexto que, por exemplo, em outubro de 2018, as escolas receberam uma relação de livros para que os professores de Língua Portuguesa escolhessem, a partir de uma lista pré-selecionada, as obras que serão adquiridas pelo PNLD (Programa Nacional do Livro Didático) Literário 2018.

Há obras que julgamos relevantes para a leitura dos alunos do Ensino Médio que estão inseridos na realidade à qual pertencemos, mas que não estão entre as indicadas. Possivelmente, este é um questionamento feito por muitos professores ao deparar-se com esta lista: Recuso-me a escolher ou adapto-me à realidade? A seleção das obras é atribuída ao professor de Língua Portuguesa, mas perguntamos: quem, de fato, fez a seleção?

Considerando, então, como já dissemos anteriormente, que muitos desses alunos leem apenas o que é solicitado pela escola, não é difícil compreender quem escolhe os livros que serão lidos por essas pessoas, principalmente ao considerarmos que muitos leitores deixam de existir no dia em que recebem a certificação de conclusão do Ensino Médio. Sem a instituição que selecione, medeie e cobre por sua leitura literária, dificilmente ela (r) existirá.

De acordo com Walter Benjamin (1993), em *A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica*, nas últimas décadas, é possível observar uma série de mudanças na relação da massa com a obra de arte. A reprodutibilidade técnica facultou seu acesso e isso fez com que ganhasse maior repercussão social. E, ao considerarmos essa realidade, não obstante, verificamos que, na medida em que as minorias passam a ter mais acesso à arte, conseqüentemente, passam também a produzir, de modo mais enfático, suas próprias formas de representação artística.

No âmbito literário, outro aspecto relevante seria o surgimento de outros suportes para leitura. O advento do ciberespaço inaugurou um novo tempo no processo de ensino-aprendizagem. Assim o suporte virtual, inclusive através das redes sociais, fez surgir o (hiper) leitor, que pode ter acesso a diversas obras literárias sem a ter que, necessariamente, manusear um livro impresso.

Nessa perspectiva, ao considerarmos a autonomia desse (hiper) leitor, imaginamos que a democratização do acesso à literatura tornou-se, de fato, real. Porém, não é o que acontece na

prática. A internet possibilita o acesso aos textos multimodais que, por sua vez, dialogam com o universo no qual o jovem leitor está inserido, mas não é com esse tipo de texto que ele tem contato na escola.

Essa problemática evidencia o elemento sobre o qual discorreremos no tópico seguinte: a literatura marginal. Com a possibilidade de interação entre escritor e público, não obstante, verificamos a (r) existência de um grupo de escritores que escreve, publica de maneira independente, tem representatividade entre o público, mas que não caiu nas graças da crítica especializada, por isso circula à margem do cânone literário.

Como temos observado, este não é um fenômeno da contemporaneidade. Há muitas obras da literatura brasileira que têm expressividade, são apreciadas pelo leitor comum, mas que não circulam no ambiente escolar, aqui é importante destacar mais uma vez que esta instituição acaba sendo a maior responsável pela formação do (não) leitor literário.

Neste trabalho, destacaremos o surgimento da chamada Literatura marginal, assunto sobre o qual discorreremos no tópico seguinte, com vistas a tratar da questão da representatividade na Literatura Brasileira e, de modo mais específico, em *Quarto de despejo: o diário de uma favelada*, de Carolina Maria de Jesus, corpus deste trabalho.

Literatura marginal

Considerada um fenômeno, denomina-se literatura marginal, ou periférica, as obras escritas nas últimas décadas nas, chamadas por Paulo Lins (1997), neofavelas brasileiras “Aqui agora uma favela, a neofavela de cimento, armada de becos-bocas, sinistros-silêncios, em gritos-desesperos no correr das vielas e na indecisão das encruzilhadas” (LINS, 2002, p. 16).

Nesse contexto, são consideradas marginais as produções que, de certo modo, afrontam o cânone. Como já dissemos anteriormente, na modernidade, a democratização do acesso à arte fez surgir novas formas de manifestações artísticas. De modo que, não há mais um conceito pronto e acabado de Cultura, mas sim de múltiplas, ou pluri, culturas.

Para Heloísa Hollanda (2004), o sentido de marginal pode ser evidenciado pela democratização, não somente do acesso à literatura, mas de sua produção, ocorrida nas três últimas décadas do século XX. Essa prática surgiu como atitude de resistência, uma vez que sua produção, além de artesanal, dá-se através do registro espontâneo da linguagem, aproximando-a da massa e, simultaneamente, afastando-a do cânone e suas referências, inclusive, estéticas.

Outra problemática a ser levantada é da publicação e comercialização do que se é produzido. Essa manifestação literária nasce nos guetos e não conta com o apoio das grandes editoras, sua comercialização acontece em paralelo à do sistema literário, defendida por Itamar Even-Zohar (2007), segundo o qual o mercado literário sugere a existência de: produtor, consumidor, mercado, produto, instituição e repertório.

As produções marginais são produzidas artesanalmente e distribuídas por seus próprios autores que realizam mais de uma das funções atribuídas por Even-Zohar (2007). A não ser que, ou até que a obra caia nas graças do público e atraia o olhar de uma editora interessada, não na veiculação do conteúdo e de sua importância na representatividade da comunidade, mas no lucro.

Nesse cenário, surge a literatura de Carolina Maria de Jesus, migrante que saiu da cidade de Livramento – MG e estabeleceu-se na cidade de São Paulo, mais especificamente na favela do Canindé, na zona norte. Apesar de negra e pobre, Carolina era alfabetizada e isso lhe permitiu registrar em seu diário as misérias enfrentadas em seu cotidiano de catadora de lixo. Em 1960, com o auxílio do jornalista Audálio Dantas, ela publicou a obra *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, sobre a qual discorreremos no tópico seguinte, a fim de ilustrarmos a relevância de seus escritos enquanto questionamos a sua ausência no cânone literário brasileiro.

Carolina Maria de Jesus: Do Canindé para o mundo

Como já mencionamos, Carolina Maria de Jesus nasceu no ano de 1914 no interior de Minas Gerais e, na década de 30, mudou-se para Franca (SP) em busca de melhores condições de vida, como destaca Tom Farias (2017) em *Carolina: uma biografia*. Para escrever esta obra, o jornalista percorreu as raízes históricas da escritora, desde as memórias de seus antepassados,

até os acontecimentos que marcaram sua trajetória e que fizeram dela a poetisa preta, como a chamavam.

Apresentação biográfica

Depois de perder seus pais, em 1939, Carolina Maria de Jesus mudou-se para a cidade de São Paulo e, desde então, passou a dedicar-se ao ofício da escrita. Em *O diário de Bitita* (1982) ela remonta sua infância, narrando as memórias de uma criança negra e pobre no período pós-abolição. Outro aspecto relevante que contribuiu diretamente para o nascimento da escritora foi o fato de ter sido alfabetizada na escola.

Apesar dos sofrimentos impostos pela vida paupérrima, estudou até a segunda série primária em sua cidade natal, Sacramento (MG). Apesar de rápida, a passagem pela escola despertou a paixão pelo universo literário o que fez de Carolina Maria de Jesus uma autodidata. Como destaca Farias (2017), assim que chegou ao estado de São Paulo ela passou a arriscar os primeiros versos.

Não obstante, observamos que a escritora via na literatura uma possibilidade de redenção. Em 1948, quando se mudou para o Canindé, escrever era a maneira encontrada por ela para combater a miséria, a solidão, a fome, enfim, foi a forma utilizada por ela para atacar a pobreza.

Por outro lado, na favela propriamente dita, Carolina fazia a diferença porque era uma liderança nata: dava conselhos, orientava, ensina a ler e escrever, falava bem e se impunha como uma mulher forte e independente. O fato de lidar com uma população marginalizada e abandonada pelo poder público, muitos analfabetos, desempregados e vitimados pelo vício do alcoolismo e da violência, a projetou como um “ser estranho” dentro de um universo em desordem. Quando ia vender o papel catado nas ruas, ela era uma das únicas que assinavam o recibo de pagamento, enquanto todos os outros borravam o dedo com a marca da digital. (FARIAS, 2018, s/p)

Em *Quarto de despejo: o diário de uma favelada* (2014), há vários excertos nos quais podemos confirmar as observações do jornalista, presentes no trecho acima. Em seu diário, constantemente, ela registrava não apenas seus anseios, mas a realidade que a cercava. Carolina Maria de Jesus destacava seu cotidiano e os acontecimentos da favela, o quarto de despejo da sociedade.

Como veremos no terceiro tópico deste trabalho, a poetisa negra enfatizava em sua escrita os contrastes sugeridos pelo estar no centro da sociedade e a tristeza que sentia por ser obrigada a viver à margem. Para ela, estar no centro da cidade era como andar por um palácio, desfilando numa grande passarela vermelha. Enquanto morar na favela era habitar um quarto de despejo, o lugar no qual a sociedade despeja seus dejetos.

As características da escrita

Carolina Maria de Jesus foi um achado do jornalista Audálio Dantas que havia ido ao Canindé com o objetivo de fazer uma reportagem sobre a favela e, durante sua visita, uma das casas visitadas foi a da escritora. Ele ficou surpreso ao ver seu diário e desde então estabeleceu relação com a escritora, sendo o editor da obra *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, publicada em 1960.

Apesar do trabalho de edição, o livro foi publicado na variante coloquial da língua, o jornalista, apesar dos cortes, manteve a escrita autêntica da Carolina. As marcas de oralidade são constantes na obra como podemos ver nos trechos: “Muito inteligente. Mas não tem **educação**. É um político de cortiço. Que gosta de intriga. Um agitador.” (JESUS, 2014, p. 15, grifos nossos) e “Comecei a escrever o que observava daquela **aglomeração**.” (JESUS, 2014, p. 69, grifos nossos)

Além das marcas de oralidade, há ausência de acentuação nas palavras, alguns desvios ortográficos e de concordância, pouca pontuação. Mas, contextualmente, esses não são problemas no livro, haja vista serem compreendidos como o estilo da escritora e explicitarem o contexto vivido, sendo, assim, complemento do enredo.

Quarto de despejo, o diário de uma favelada: a escrita enquanto

possibilidade de resistência, redenção e ascensão social

Carolina Maria de Jesus é um exemplo fundamental para compreendermos a ausência da literatura marginal no cânone de obras literárias institucionalizado. Uma escritora que, muito embora não estivesse do lado hegemônico literário, alcançou um grande público. A autora de *Quarto de despejo* foi encontrada pelo jornalista Audálio Dantas que se interessou pelos escritos de Carolina e possibilitou a publicação deles. Uma mulher, negra, pobre, semianalfabeta, mãe de três filhos, catadora de lixo, migrante e moradora da favela Canindé, que possuía dois grandes sonhos: ser escritora e sair da favela. Nas palavras da própria Carolina, vejamos:

Vou escrever um livro referente a favela. Hei de citar tudo que aqui se passa. E tudo que vocês me fazem. Eu quero escrever o livro, e vocês com estas cenas desagradáveis me fornece os argumentos. [...] Cato papel. Estou provando como vivo! Estou residindo na favela. Mas se Deus me ajudar hei de mudar daqui. Espero que os políticos estingue as favelas. (JESUS, 2014, p. 20)

Carolina escrevia para se acalmar diante da vida atribulada, mas também utilizava da escrita para denunciar as mazelas, a falta de solidariedade da favela onde residia, o descaso do governo, dentre tantos outros assuntos. A literatura, nesse contexto, cumpria a função de denúncia, quando desvendou as realidades opressoras, os conflitos humanos e as misérias sociais. Assim, temos, através desse diário da favelada Carolina, a perspectiva engajada da literatura conforme Candido afirma “a literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apóia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas.” (CANDIDO, 1988, p. 175).

Na narrativa, há a explicação clara do título do livro. Primeiramente, a narradora traz a sua definição da cidade onde vivem ela e seus filhos. A favela, para Carolina, era o quintal, onde jogam os lixos, ao passo que ela classifica São Paulo assim “O Palácio, é a sala de visita. A Prefeitura é a sala de jantar e a cidade é o jardim.” (JESUS, 2014 p. 32).

Mais especificamente, a favela do Canindé, no município de São Paulo, era considerada o quarto de despejo, conforme relata “devo incluir-me, porque também sou favelada. Sou rebotalho. Estou no quarto de despejo, e o que está no quarto de despejo ou queima-se ou joga-se no lixo.” (JESUS, 2014, p. 37).

Na descrição dos espaços, nota-se claramente a desigualdade enxergada por Carolina, uma vez que a decoração, os objetos de luxo, as pessoas bem vestidas destacavam a miséria na qual ela vivia e reforçavam a dicotômica realidade da cidade x favela: luxo e lixo, ricos e pobres, casa de tijolos e barraco, etc.

Escravidão atual: a fome

Um tema fortemente presente em *Quarto de despejo* é a fome. Pode-se dizer que ela era uma personagem, a qual acompanhava a protagonista Carolina e seus filhos em todos os dias narrados na obra. A profissão de Carolina, catadora de papéis e demais objetos, se resumia a catá-los para vender e receber uns trocados, os quais eram utilizados para comprar comida (geralmente pouca) e sabão para lavar roupas.

O fato de Carolina sustentar sozinha seus filhos mostrava a resistência da mulher em um contexto completamente desfavorável. A narradora criticava ferreamente ainda os homens, esposos de suas vizinhas, que fingiam estar doentes quando percebiam a capacidade das suas mulheres em manter a casa.

Nas linhas do texto, a fome perpassa e faz o leitor refletir sobre as necessidades básicas daquele povo. Exceto em dias de chuva, em que Carolina não podia se dedicar ao ofício, os demais eram marcados pela busca incessante por alimento para si e sua família. Por vezes, as crianças eram alimentadas com comida encontrada no lixo ou comida vencida entregue pelos comerciantes que se desfaziam do ‘resto’:

... Chegou um caminhão aqui na favela. O motorista e o seu ajudante *jogam* umas latas. É linguiça enlatada. Penso: É assim que fazem esses comerciantes insaciáveis. Ficam esperando os

preços subir na ganancia de ganhar mais. E quando *apodrece* jogam fora para os corvos e os infelizes favelados.” (JESUS, 2014, p. 34, grifos nossos)

Em um ponto marcante da narrativa, dia 13 de maio, Carolina comemora o dia da Abolição dos Escravos. Faz uma breve reflexão acerca da relação negros e brancos, deixando clara a dependência destes para a felicidade daqueles. Ademais, a narradora expõe que, por ser um dia chuvoso, tem apenas feijão e sal no seu bacarrão e está impossibilitada de ir catar papel. Então, pede à vizinha um pouco de gordura, mas não consegue, recorrendo à outra. Por fim, Carolina faz uma comparação dolorosa da escravidão com a sua atual realidade: “E assim no dia 13 de maio de 1958 eu lutava contra a escravidão atual – a fome!”.

A vida é preta

Outro aspecto presente na obra é a afirmação negra da protagonista. Da mesma maneira que se apresenta como mulher resistência, destacar a sua negritude também é resistir. Já mencionamos a comemoração em alusão à Abolição dos Escravos, marco para o povo negro. Nesse relato, a narradora expõe o papel de ‘bodes espiatórios’ exercidos pelos negros nas prisões. Mas ressalta que os brancos se tornaram mais cultos, portanto não tratam mais os negros com desprezo e faz até uma prece “Que Deus ilumine os brancos para que os pretos sejam feliz.” (JESUS, 2014, p. 30). Quanto à estética, Carolina resiste, ao ter uma vaga de emprego negada por causa de racismo, e elogia os traços negros, ao afirmar:

...Eu escrevia peças e apresentava aos diretores de circos. Eles respondia-me: - É pena você ser preta. Esquecendo eles que eu adoro a minha pele negra, e o meu cabelo rustico. Eu até acho o cabelo de negro mais iducado do que o cabelo de branco. Porque o cabelo de preto onde põe fica. É obediente. E o cabelo de branco, é só dar um movimento na cabeça êle já sai do lugar. É indisciplinado. *Se é que existe reencarnações, eu quero voltar sempre preta.* (JESUS, 2014, p.64, grifos nossos)

Porém, apesar de demonstrar orgulho por sua cor e características físicas, a narradora também associa a miséria em que vive à negritude. Inevitavelmente, reconhece, nas entrelinhas, que a falta de comida, de moradia digna, de uma educação para todos, é realidade constante na vida do povo preto. A cor não significa apenas uma cor: “Quando pus a comida o João sorriu. Comeram e não aludiram a cor negra do feijão. Porque negra é a nossa vida. Negro é tudo que nos rodeia.” (JESUS, 2014, p. 43).

A política e a favela

A escritora demonstra também em seu diário uma visão politizada acerca da realidade e conhecimento sobre políticos em mandato na época. Cita com propriedade os nomes daqueles que têm responsabilidade de proteger e dar condições melhores de vida à população, o que não ocorre com os favelados.

Em vários trechos, Carolina expõe o descaso do governo, demonstrando falta de esperança em relação às mudanças prometidas em campanhas políticas. Além disso, menciona as ajudas advindas de grupos religiosos, que, na visão da narradora, ajudam mais que os próprios representantes eleitos: “Quem nos protege é o povo e os Vicentinos. Os politicos só aparecem aqui nas épocas eleitoraes.” (JESUS, 2014, p. 32).

João José, o filho de Carolina, quando encontra comida no lixo e a pega para se alimentar, questiona a mãe sobre sua promessa. Então, Carolina traz uma justificativa tristemente, enfatizando o motivo pelo qual ainda vive nessas condições:

Quando cheguei do palacio que é a cidade os meus filhos vieram dizer-me que haviam encontrado macarrão no lixo. E a comida era pouca, eu fiz um pouco de macarrão com feijão. E o meu filho João José disse-me: - Pois é. A senhora disse-

me que não ia mais comer as coisas do lixo. Foi a primeira vez que vi a minha palavra falhar. Eu disse: - É que eu tinha fé no Kubstchek. - A senhora tinha fé e agora não tem mais? - Não, meu filho. A democracia está perdendo os seus adeptos. No nosso paiz tudo está enfraquecendo. O dinheiro é fraco. A democracia é fraca e os politicos fraquíssimos. E tudo o que está fraco, morre um dia. (JESUS, 2014, p. 39)

Para a escritora, a democracia é um regime de governo falido, uma vez que os representantes do povo não exercem seu papel como deveria. Novamente, a fome leva Carolina às reflexões e à crítica direta ao governo de Juscelino Kubitschek, presidente do Brasil no período de 1956 a 1961:

Despertei. Não adormeci mais. Comecei sentir fome. E quem está com fome não dorme. Quando Jesus disse para as mulheres de Jerusalem: - “Não chores por mim. Chora por vós” - suas palavras profetisava o governo do Senhor Juscelino. Penado de agruras para o povo brasileiro. Penado que o pobre há de comer o que encontrar no lixo ou então dormir com fome. (JESUS, 2014, p. 134)

Diante de todos esses fatos, há em Carolina uma esperança mais forte, que a move e permite que ela continue: a literatura.

A esperança na escrita

A catadora de papéis demonstra acreditar no poder dos livros a fim de se tornar uma grande escritora e deixar a favela e tudo o que esse espaço remete. Para ela, o livro é a melhor invenção do homem, por isso enfatiza tanto em seus textos que escreverá um contando as suas mazelas, a desordem da favela e dos vizinhos. Assim, demonstra o poder da literatura, principalmente como denunciante de opressões: “Os politicos sabem que eu sou poetisa. E que o poeta enfrenta a morte quando vê o seu povo oprimido.” (JESUS, 2014, p. 39)

O tão sonhado dia chegará para Carolina Maria de Jesus no momento em que conhece Audálio Dantas. Embora reclame dele, foi uma pessoa que abriu portas para a realização do maior sonho da moradora do Canindé. Há esperança nas palavras de Carolina: “Tem hora que eu odeio o repórter Audálio Dantas. Se êle não prendesse o meu livro eu enviava os manuscritos para os Estados Unidos e já estava socegada. (JESUS, 2014, p.118)

O sossego, de fato, chegou para a escritora. Através do sucesso de seu livro *Quarto de despejo: o diário de uma favelada*, publicado pela primeira vez em 1960, Carolina saiu da favela em 1964 e foi morar em Santa, bairro paulistano de classe média. A obra foi traduzida para diversas línguas e se tornou um *best seller*. Primeiramente, Carolina conseguiu dar voz ao seu povo que não tinha e, em termos práticos, conseguiu transformar a sua vida e de seus filhos.

Porém, a fama da escritora não durou muito, haja vista o esquecimento que o seu nome teve um tempo depois das publicações. Alguns críticos duvidaram da autoria dos livros, prejudicando, assim, o crescimento do trabalho dela. É necessário, então, fazermos uma reflexão crítica acerca dessa questão posta: a dúvida referente à autoria era devido à escrita ser tão bem elaborada e criativa ou se dava em razão de a Carolina ser quem era?

Estamos diante de uma literatura marginal, oriunda de uma favela às margens do rio Tietê, escrita por uma mulher, com pouco estudo, negra e de classe desfavorecida. No entanto, sob outro viés, *Quarto de despejo: o diário de uma favelada*, é mais que o diário de uma favelada: é a luta, a resistência, o empoderamento de Carolina Maria de Jesus, aquela que ousou, ascendeu socialmente e fez história.

Referências

ABREU, Márcia. **Cultura Letrada**: Literatura e leitura. São Paulo: UNESP, 2006.

ADORNO, Theodor. **Educação e Emancipação**. Tradução e Introdução: Wolfgang Leo Maar. São Paulo: Paz e Terra, 1995.

_____. Teoria da semicultura. In: _____. **Revista Educação & Sociedade**. Campinas: Papirus, Ano XVII, dez. 1996.

_____. Crítica cultural e sociedade. In: _____. **Prismas**. Tradução: Augustin Wernet e Jorge Mattos Brito de Almeida. São Paulo: Ática, 1998.

BENJAMIN, Walter. A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. In: _____. **Magia e técnica, arte e política: Ensaio sobre literatura e história da cultura**. Tradução: Sérgio Paulo Rouanet. 6ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1993. v. 1.p. 165-196.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: _____. **Vários escritos**. 4. ed. Rio de Janeiro: Duas cidades, 2004.

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. São Paulo: EDUNESP, 1998.

COMPAGNON, Antoine. **O demônio da teoria: literatura e senso comum**. Trad. Cleonice Paes Barros Mourão; Consuelo Fortes Santiago. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

ECO, Umberto. **Sobre a literatura**. Tradução Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Record, 2003.

HOLLANDA, Heloísa. **Impressões de viagem: CPC, vanguarda e desbunde: 1960/70**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2004. 240 p.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo: diário de uma favelada**. 10. ed. São Paulo: Ática, 2014.

LINS, Paulo. **Cidade de Deus**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. 550 p.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. O hipertexto como novo espaço de escrita em sala de aula. In: _____. **Linguagem e Ensino**, vol. 4, nº 1, 2001.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. **Altas Literaturas: escolha e valor na obra crítica de escritores modernos**. São Paulo: Companhia das letras, 1998.

SANTIAGO, Silvano. **O cosmopolitismo do pobre**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004. 252 p.

SCHWARZ, Roberto. **Os pobres da literatura brasileira**. São Paulo: Brasiliense, 1983. 246 p.

TRIGO, Luciano. **Biografia analisa trajetória de Carolina de Jesus, autora de 'Quarto de despejo'**. Disponível em: <http://g1.globo.com/pop-arte/blog/maquina-de-escrever/post/biografia-analisa-trajetoria-de-carolina-de-jesus-autora-de-quarto-de-despejo.html>. Acesso em: 28. out. 2018.

Recebido em 25 de novembro de 2018.

Aceito em 12 de abril de 2019.